



POR TRÁS DAS MÁSCARAS

**PROFISSIONAIS DA SAÚDE NA LINHA DE FRENTE
DA RESPOSTA À COVID-19 NO BRASIL**



POR TRÁS DAS MÁSCARAS

**PROFISSIONAIS DA SAÚDE NA LINHA DE FRENTE
DA RESPOSTA À COVID-19 NO BRASIL**

CAMPANHA "VALORIZE O ESSENCIAL"

COORDENAÇÃO GERAL

Sandra Lefcovich

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Livia Schunk

PRODUÇÃO IMPRESSA E AUDIOVISUAL

Gabriela Borelli

Nathalia Josino

COMUNICAÇÃO PÚBLICA E DIGITAL

Diogo Alcântara

Matheus Nunes

INTERAÇÃO COM A COMUNIDADE E PRODUÇÃO

Gabriela Guedes

APOIO PRODUÇÃO DE CONTEÚDO

Elvis Posada Quiroga

Fábio Azeredo

Fernanda Ribeiro

Flávia Caetano

Janaína Domingos

Karen Cerqueira

Regislany Morais

Ricardo Laino

PRODUÇÃO GRÁFICA

Duo Design

FOTOLIVRO "POR TRÁS DAS MÁSCARAS"

Fotos: Camila de Almeida,
Márcia Foletto e Tiago Queiroz

Textos: Daniela Ribeiro
e Eduarda Talicy

Edição geral: Sandra Lefcovich

Edição de fotos: Sérgio Amaral

Projeto gráfico: Jean Matos

Apoio: Nathalia Josino

Foto de capa: Márcia Foletto

Agradecemos pelo apoio aos colegas
da Delegação Regional do CICV para
Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai

CHEFE DA DELEGAÇÃO REGIONAL

Simone Casabianca-Aeschlimann

CHEFE ADJUNTO DA DELEGAÇÃO REGIONAL

Alexandre Formisano



**VALORIZE O
ESSENCIAL**

#

ÍNDICE

EDITORES

8

CAMPANHA "VALORIZE O ESSENCIAL"

10

DUQUE DE CAXIAS

13

FORTALEZA

67

SÃO PAULO

107

EDITORES

A pandemia da Covid-19 nos atingiu em cheio e mudou as nossas vidas em 2020 – e impactou desde as comunidades isoladas na Amazônia até as megacidades. O Brasil foi, infelizmente, um dos países com maior número de vítimas no mundo.

As equipes de saúde foram surpreendidas por uma doença desconhecida e tiveram que atender a população sob enorme estresse, se expor a elevados riscos de contaminação e afastar-se fisicamente de suas famílias e amigos. Milhares desses profissionais foram diagnosticados com coronavírus e centenas morreram no Brasil, segundo dados oficiais.

“Por trás das máscaras” procura retratar um pouco da vida das equipes de saúde na linha de frente da pandemia. Os fotógrafos Camila de Almeida, Márcia Foletto e Tiago Queiroz mergulharam no universo da médica

Roma Nápoli e da enfermeira Ana Neri, atendidas pelos colegas em seus próprios hospitais após contaminar-se com o coronavírus; no da assistente social Cristiane Alves - que faz a alegria dos pacientes ao conectá-los com suas famílias via chamadas de vídeo, mas está há mais de mil km da filha de oito anos -; e na rotina de Irineia Aparecida, que cuida da higienização do Instituto de Infectologia Emílio Ribas com muito amor.

Esta produção da nossa equipe de Comunicação contou com a participação em campo das jornalistas Daniela Ribeiro e Eduarda Talicy e do documentarista Guillermo Panel e o apoio fundamental dos colegas do programa Acesso Mais Seguro para Serviços Públicos Essenciais (AMS) e dos escritórios de Fortaleza e Rio de Janeiro.

Aos parceiros do AMS nas Secretarias de Saúde e prefeituras

de Duque de Caxias e Fortaleza que abriram as portas de postos de saúde e hospitais, nosso muito obrigada! Fomos generosamente recebidos também em hospitais da cidade de São Paulo, incluída no projeto ao ser a mais populosa e com maior número de vítimas no Brasil.

Com a pandemia, a maior parte da população passou a reconhecer e

valorizar mais os profissionais de serviços essenciais. Mas as equipes também estão vulneráveis, sofrem ataques, preconceito e discriminação. Este livro é nossa singela homenagem, solidariedade, respeito e agradecimento por tanta dedicação e entrega.

SANDRA LEFCOVICH

Coordenadora de Comunicação da Delegação Regional do CICV para Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai

Sinto-me grato por colaborar nessa iniciativa do CICV, que mostra o trabalho de abnegados profissionais da Saúde no enfrentamento a essa pandemia.

Três brilhantes repórteres fotográficos, Camila de Almeida, Márcia Foletto e Tiago Queiroz mergulharam na rotina de unidades de saúde em Fortaleza (CE), Duque de Caxias (RJ) e São Paulo (SP) para criar depoimentos

visuais sobre as histórias desses profissionais exemplares.

O material veio generoso na qualidade, empatia e adequação. Coube a mim fazer as escolhas que correspondam à expectativa desse projeto do CICV, e me guiei pelo próprio nome "Valorize o Essencial".

SERGIO AMARAL

Fotógrafo e editor de fotos

POR TRÁS DAS MÁSCARAS

Profissionais na linha de frente
da resposta à Covid-19 no Brasil

No ano de 2020 começamos a ver com novo olhar e a reconhecer pessoas, momentos e relações do nosso cotidiano que antes passavam despercebidos.

Assim, aprendemos a dar valor a quem e o que é essencial: nossa saúde, os serviços essenciais e os profissionais que estão dia e noite trabalhando para salvar vidas.

A pandemia não faz distinções. É uma tragédia global. No Brasil, criamos a campanha “Valorize o Essencial” para fomentar o respeito e o apoio aos profissionais de saúde e

combater a estigmatização e o preconceito.

Consideramos que o reconhecimento e a valorização do trabalho das mulheres e homens que estão na linha de frente é crucial para que as comunidades superem esta crise sanitária.

Esses profissionais atendem a população afetada pelo coronavírus e também garantem a continuidade dos serviços que são essenciais a todos nós, como saúde, assistência social e educação.

Igualmente promovemos ações para reforçar o res-

peito e os cuidados com a saúde física e mental desses profissionais, especialmente em seis cidades brasileiras que são nossas parceiras na implementação da metodologia do Acesso Mais Seguro para Serviços Públicos Essenciais (AMS): Duque de Caxias, Fortaleza, Florianópolis, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Vila Velha. O AMS trabalha há muitos anos para apoiar e proteger os serviços públicos essenciais em contextos de violência armada no Brasil.

Reforçamos que o essencial sempre fez parte da nossa

história e faz parte do nosso dia a dia. Esperamos que você e toda a população possam valorizar a si mesmos, valorizar o próximo, valorizar o essencial.

Esperamos que este material contribua para que todos, juntos, superemos este desafio.

Muito obrigado! Se cuidem!

Equipes de Comunicação e do Acesso Mais Seguro (AMS) para Serviços Públicos Essenciais

Delegação Regional do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) para Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai



DUQUE DE CAXIAS

FOTOS DE **MÁRCIA FOLETTO**

Hospital Municipal Dr. Moacyr Rodrigues do Carmo
Unidade de Saúde Básica Sarapuí
Unidade de Saúde da Família de Gramacho

ROMA NÁPOLI

A médica Roma Nápoli tem 33 anos de profissão, três deles no Hospital Dr. Moacyr do Carmo.

Logo nas primeiras semanas de pandemia, quando não havia ainda protocolos de segurança, foi contaminada e decidiu ficar internada em seu próprio hospital.

“Foi uma escolha maravilhosa a que eu fiz, fui muito bem acolhida por todos. Decidi aceitar que eu não era mais a médica junto dos meus colegas e sim a paciente.”

É muito difícil estar isolado com a Covid-19, sem entender porquê sua família não está lá.

“Eu digo que ela é uma doença também emocional”, afirma. No auge da pandemia, o “covidário” chegava a receber uma média de até 100 pacientes por dia. “Essa doença é assim. Em um momento você está bem e no momento seguinte você já morreu”, diz.

As equipes de saúde precisam ser mais valorizadas. Uma mensagem que fica? “Todos nós somos muito vulneráveis. A doença te ensina a viver melhor. Você aprende a valorizar as pessoas que estão do seu lado e a vida. Eu ainda estou nesse processo de mudança, porque ela muda você.”







ELAINE CORREA

Elaine Correa é fisioterapeuta do CTI, especialista em cardiopulmonar, em terapia intensiva adulta e integrante da linha de frente da resposta à Covid-19 do Hospital Moacyr do Carmo.

A fisioterapeuta enfrentou o desafio diário de combater uma síndrome pulmonar que afeta não só o sistema respiratório, mas também o vascular.

Elaine lembra como os primei-

ros momentos da pandemia foram desafiadores, pois ainda não havia informações suficientes sobre a doença e sobre como ela agia no corpo da pessoa contaminada.

Mas o amor pela profissão, a dedicação e o espírito de equipe têm superado as adversidades. "Há um comprometimento em mostrar amor ao paciente e mostrar que toda equipe tem o mesmo objetivo: a cura".







Profissionais da saúde e pacientes de Duque de Caxias com rotina alterada com o uso de EPI's, profissionais paramentados, higiene rígida e pacientes isolados.





HILTON RIBEIRO

O biomédico Hilton Ribeiro é vice-diretor do Hospital Municipal Dr. Moacyr do Carmo. Para quem é responsável por administrar 350 leitos de internação, a pandemia foi um desafio e tanto. Os profissionais foram todos para a linha de frente da resposta à Covid-19.

“Às vezes encaramos com temor, mas a necessidade da ajuda, o juramento, o compromisso torna tudo muito maior”, diz. “A gente sai desgastado, mas com a certeza do dever cumprido, pois a todo instante demos o melhor para quem temos que dar, que é o paciente.”



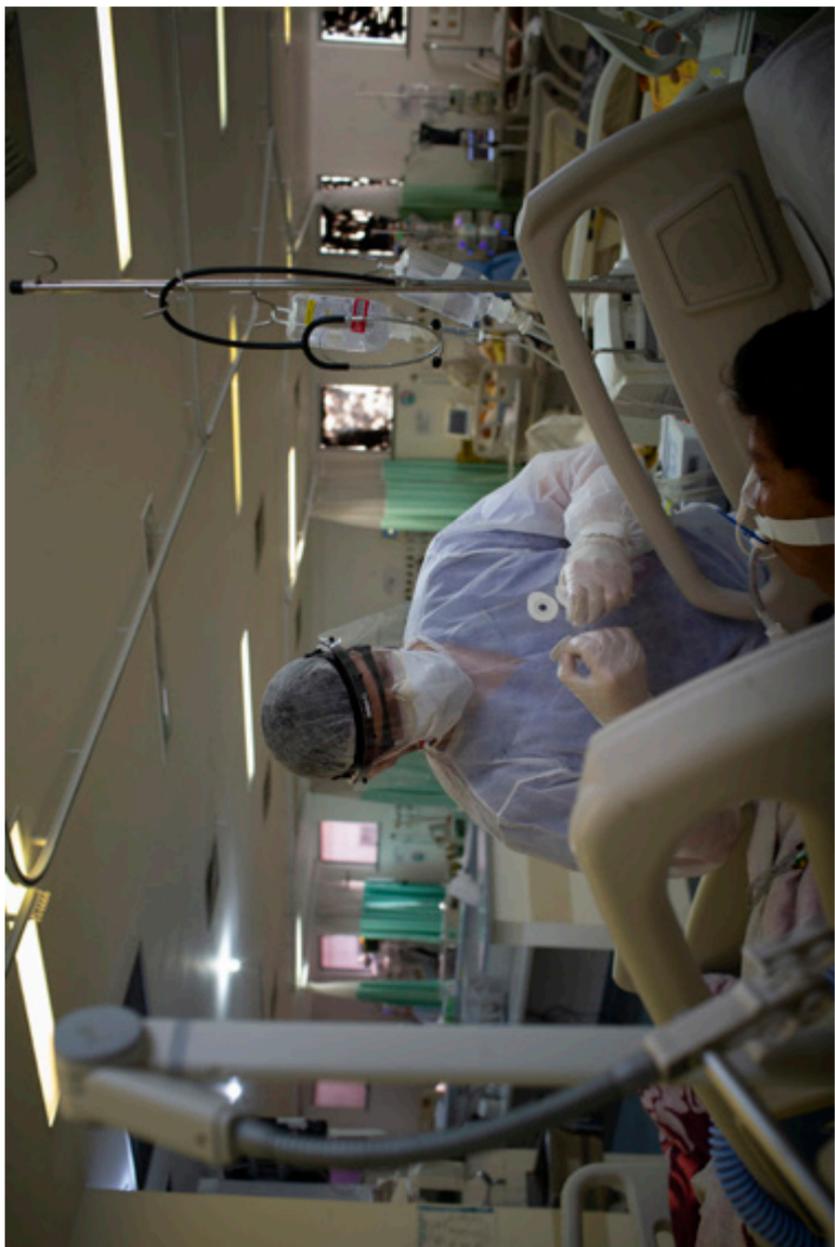
A assistente social **Maria de Gorethe** trabalha passando informações para população local de forma segura com seus equipamentos de proteção.



O paciente **Nelson Duarte** foi acometido pela Covid-19 e teve de ser internado.



O médico **Sérgio Laelio** atende paciente contaminado pelo coronavírus.



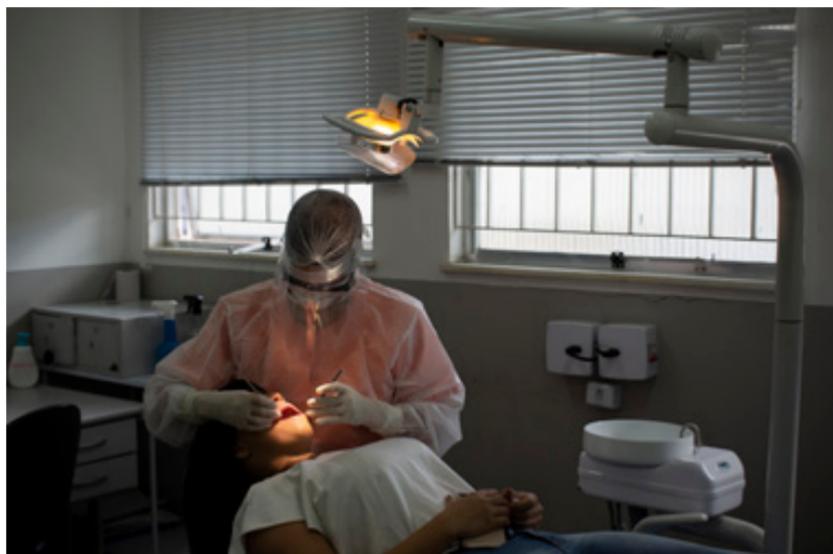
Veridiana dos Santos, técnica de enfermagem, prepara o leito hospitalar com muita delicadeza para receber enfermo.



População de Duque de Caxias espera por atendimento e informação na Unidade de Saúde Básica Sarapuí, fazendo uso de máscaras e distanciamento.







A dentista **Luana da Silva** atende a paciente de unidade de saúde, com toda paramentação necessária para evitar contágio.



A médica **Kátia Mufarrej**, da Unidade Básica de Saúde de Sarapuí, destaca que os profissionais da saúde precisam cuidar uns dos outros.



Equipes de saúde atendem criança que está acompanhada pela mãe.



Dra. **Cristiana Ordeon**, médica atuante na cidade de Duque de Caxias, em mais um dos muitos atendimentos diários à população.



A auxiliar de serviços gerais **Elza Pereira** mantém a higiene com rigor para evitar o aumento de contágio.





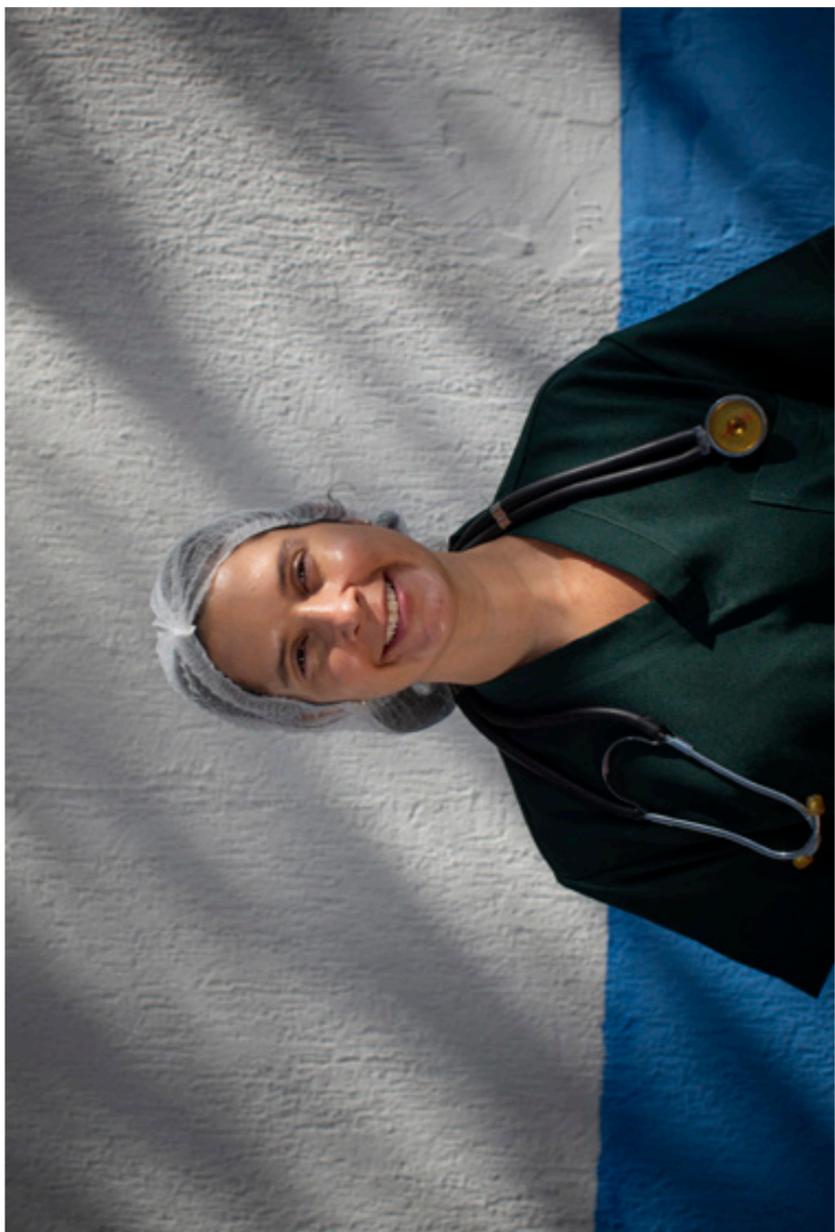
ERICA SOUZA GUIMARÃES

A enfermeira Erica Guimarães é assertiva ao pedir à população que se cuide e colabore com os profissionais de saúde.

“Devido ao nosso trabalho estamos nos expondo muito. Por isso, precisamos que a população leve a sério a pandemia e

siga rigorosamente os conselhos dos órgãos competentes”.

Erica é otimista com o futuro. “Acredito que isso vai passar, estamos fazendo o nosso melhor para isso. Estamos nos empenhando bastante nesta caminhada. Tenham esperança”.



Profissionais de diversos setores da saúde de Duque de Caxias. Trabalham com união e comprometimento.



Vanessa Vasquez, diretora da UPA de Duque de Caxias, enfrentou, ao lado de sua equipe, os desafios trazidos pelo alto grau de contágio do novo coronavírus.



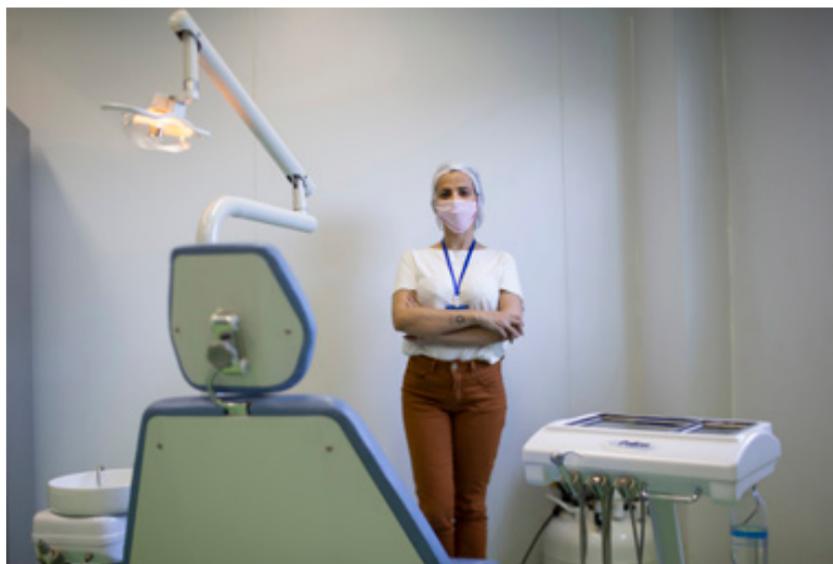


ROSELENE DA CRUZ

Roselene da Cruz é agente comunitária de saúde e passa sua rotina em seu local de trabalho com muito bom humor.

Rosele teve de trabalhar toda paramentada para sua proteção e dos demais diante da Covid-19.





A dentista **Kelly Ribeiro** aceitou o desafio de trabalhar em local que atendesse pacientes acometidos por Covid-19.





ELISABETH DUTRA

Elisabeth Chagas Dutra é agente comunitária de saúde, da Unidade de Saúde da Família Gramacho. Em sua rotina de visitas e cuidados domiciliares aos moradores da região, busca orientar sobre higiene, cuidados com contaminados e isolamento social, mas em locais mais vulneráveis nem sempre isso é possível.

“Infelizmente são poucos os que podem se isolar, pois geralmente são muitas pessoas em uma mesma casa, com poucos cômodos”. Ela apela pelo reconhecimento aos agentes de saúde. “Somos essenciais, somos a ponta. Conectamos a comunidade aos médicos e ao hospital.”



PAULO SILLAS

Paulo Sillas, enfermeiro na cidade de Duque de Caxias, foi mais um dos bravos profissionais da saúde que não dispensaram esforços na luta contra o coronavírus. Paulo trabalhou em diversos plantões e seguiu à risca um dos lemas básicos

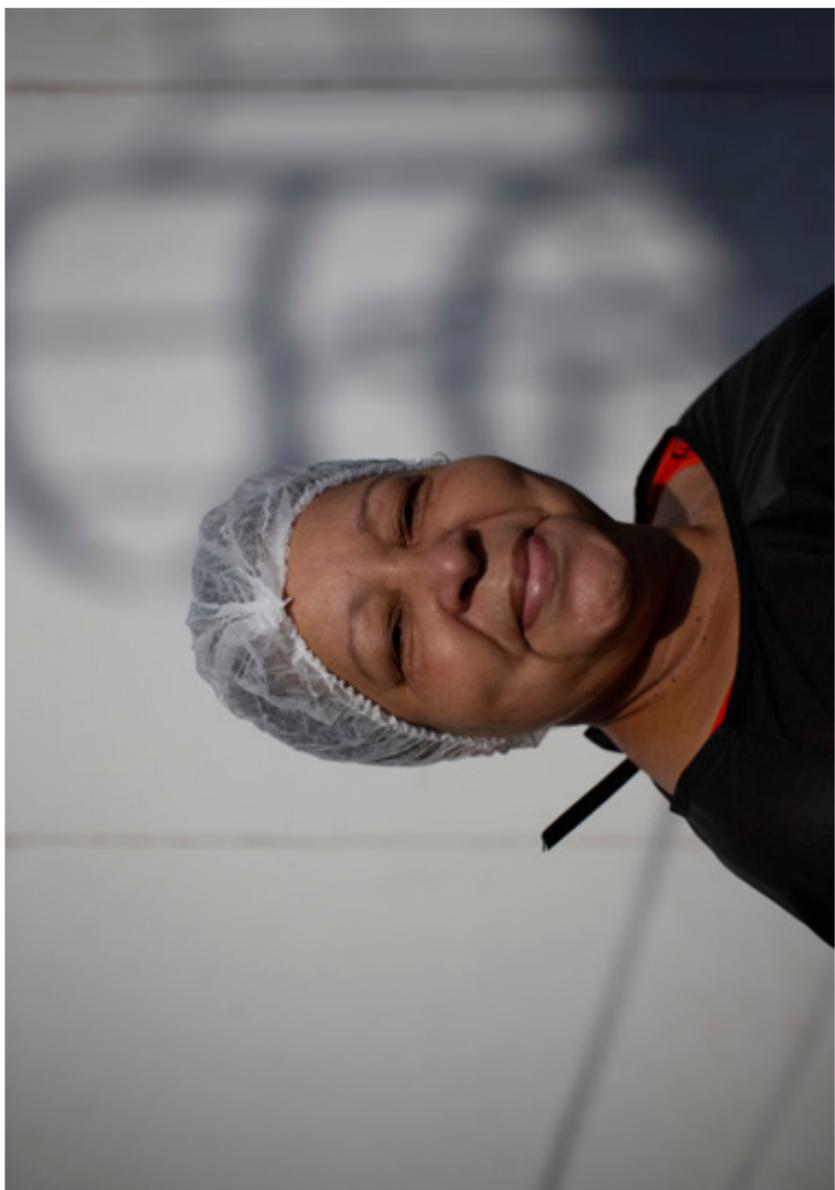
da Enfermagem, servir ao próximo, com amor e carinho.

Assim como seus colegas, ele teve sua rotina pessoal alterada de forma radical, nem por isso faltou com empenho em seus atendimentos.





A técnica de enfermagem **Jaciara da Cunha** atua com empatia e bom humor no atendimento aos pacientes.





O médico **Fernando de Oliveira** viu o fluxo de pacientes aumentar em meio a pandemia do novo coronavírus.



FORTALEZA

FOTOS DE **CAMILA DE ALMEIDA**

Hospital Instituto Dr. José Frota (IJF)

Hospital de Campanha do Estádio Presidente Vargas

Unidade de Pronto Atendimento (UPA) Yolanda Queiroz

Posto de Saúde Dom Aloísio Lorscheider

ANA NERI DUTRA E SILVA

Os papéis se inverteram pela primeira vez em 26 anos. Ana Neri Dutra e Silva, enfermeira da UTI do Instituto Dr. José Frota (IJF), foi diagnosticada com Covid-19 e virou paciente.

No local onde tantos anos foi responsável pela cura, ela foi cuidada. Passou 12 dias intubada.

“Não é fácil conduzir uma UTI na pandemia. A questão da humanização foi o mais importante. Não fui cuidada só por profissionais que trabalham comigo, eu podia ver a dedicação de todos. Vi-me nessa condição e ficava me analisando enquanto profissional.”





MARZA ZARANZA

A médica intensivista Marza Zaranza trabalhou na ala especial para atendimento

da Covid-19 do hospital. Ela foi uma das profissionais que atendeu a enfermeira Ana Neri.

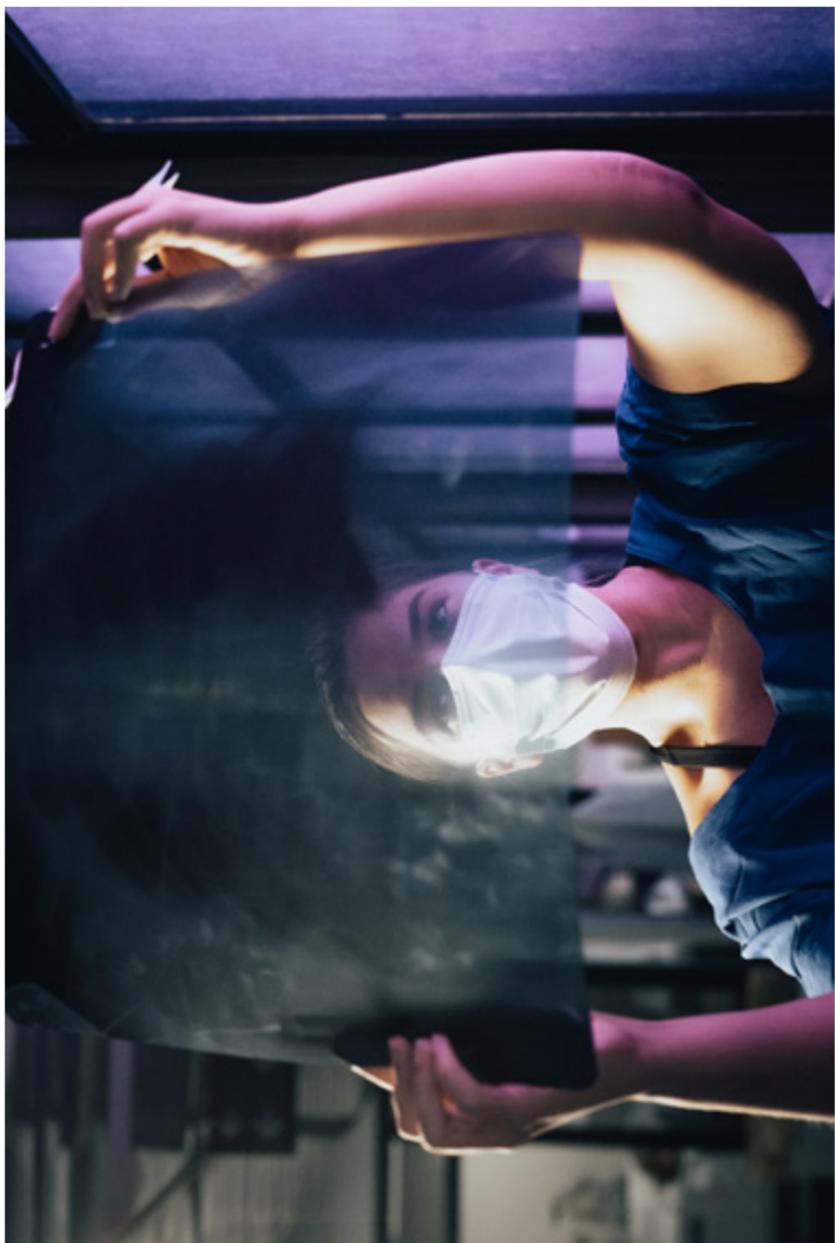


“Nosso objetivo não é o paciente apenas sobreviver, é ele se reabilitar. Por isso que a gente luta.”

A rotina de Marza, que já era pesada, incluiu também novos estudos de protocolos e treinamentos do novo trabalho na ala para C-19, além do excesso de paramentação médica para os atendimentos e o estresse

psicológico, que por vezes parecia tomar o corpo ainda mais que o cansaço físico.

“Não podemos comprar essa ideia de que somos heróis porque tendemos a pensar que somos infalíveis e nós não somos. Não podemos nos encher de vaidades. Temos que agir sempre com muita humildade diante dos desafios que vão surgir.”



IRENE MEDEIROS

A fisioterapeuta Irene Medeiros trabalha no setor de terapia intensiva do IJF. Ela viu sua profissão ganhar visibilidade em 2020, infelizmente em razão da pandemia.

Para atender pacientes graves com Covid-19, a reabilitação respiratória se tornou de extrema importância. “Depois de um tempo não sentimos mais a máscara apertando. Às vezes

a gente tinha quatro paradas cardiorrespiratórias em um dia. Era tão corrido que nem conseguimos beber água.”

Mas ver o paciente respirar de novo é a melhor notícia. “A extubação (retirada da ventilação mecânica) é um dos momentos mais sensacionais da nossa profissão, aquele olhar do paciente que volta a respirar sozinho.”





Natural do Rio Grande do Norte, Irene trabalha há quase dois anos no setor de terapia intensiva do Instituto Dr. José Frota, hospital de Fortaleza referência em traumatologia.

Durante a pandemia, foi criada no local uma nova ala de atendimento especializado na recuperação de pacientes acometidos pelo novo coronavírus.



SÂMIA RIBEIRO

Além dos sintomas já conhecidos da C-19, o adoecimento mental em razão das alterações na rotina, do luto e do medo de infecção têm sido impactantes. Por isso, a psicóloga Sâmia Ribeiro, há 14 anos no IJF, estabeleceu uma prioridade para sua equipe: cuidar dos cuidadores.

“Diante de uma doença nova, os profissionais vivemos um profundo desamparo, sem poder sequer procurar as pessoas importantes na nossa vida para ter um aconchego.”

Diante das adversidades, Sâmia confia na capacidade humana de adaptação.

“Nunca sentimos tanta falta do outro, que se tornou uma ameaça para nós, mas há a importância de construir laços sólidos que edificam nossa vida afetiva. A gente vai poder retomar nossa vida dentro do que é possível retomar, porque a gente precisa ressignificar esse lugar. Essa é a nossa capacidade de se adaptar.”

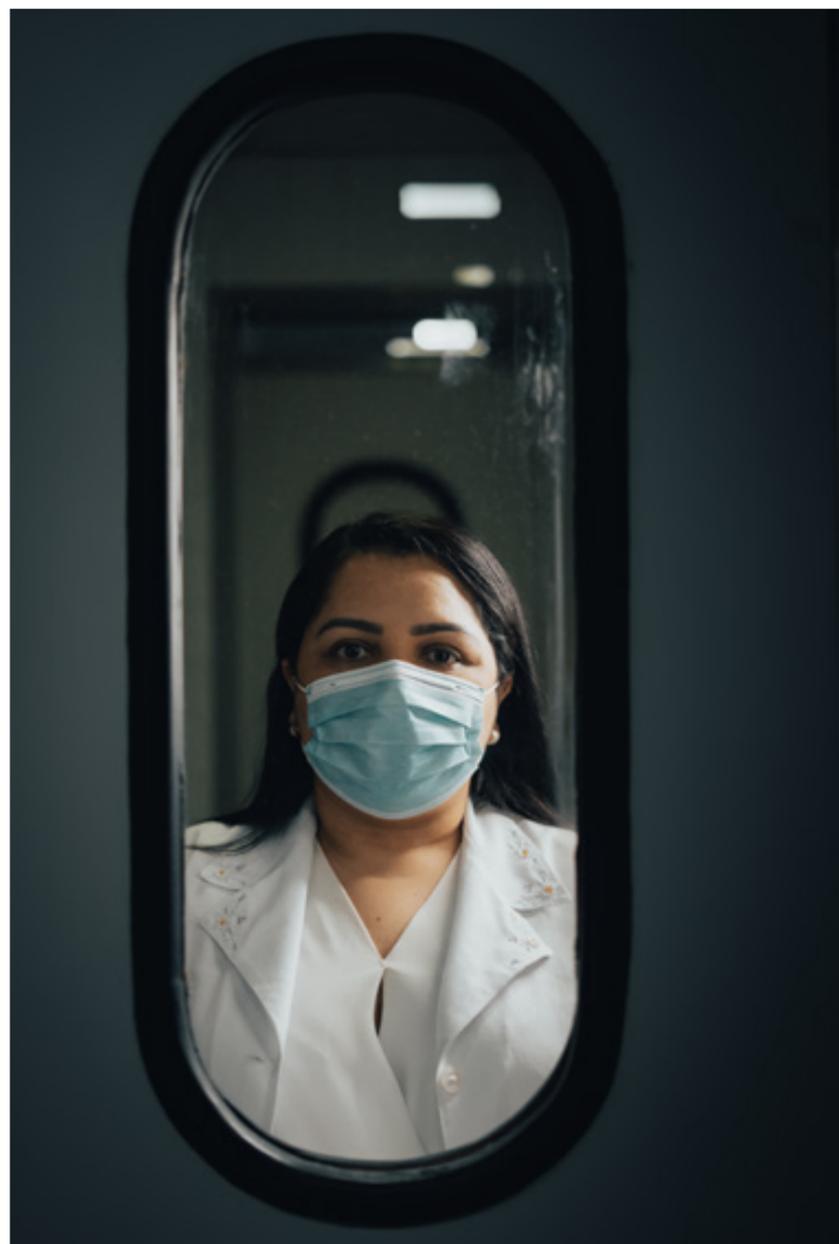


PÂMELA SANTOS

O distanciamento imposto pela pandemia trouxe um grande desafio para quem trabalha com a assistência social em hospitais: fazer com que, mesmo distantes, os contatos permanecessem próximos. "A gente teve que repensar a nossa intervenção compreendendo como seria o nosso trabalho e como seria nossa contribuição nesse

cenário", diz Pâmela Santos, assistente social no IJF. "

A escuta ativa foi um instrumento poderoso. "Eu agradeço a força dos meus colegas de profissão, me emociono em falar da parceria que a gente construiu. Essa parceria foi indispensável, essa vontade de contribuir foi um alento", conclui.



RICARDINA OLIVEIRA

A enfermeira Ricardina Oliveira trabalha em seu primeiro emprego na área salvando vidas no Hospital de Campanha do Estádio Presidente Vargas. Ela foi uma das responsáveis do contato entre os pacientes e as famílias por videochamadas.

Foi ela, muitas vezes, o elo entre família e ente querido. “É bem gratificante. No momento da chamada, os familiares agradecem bastante, porque aquele momento de interação do familiar com o paciente, pra eles, é grandioso”, explica.





FRANÇIMAR DA SILVA

Francimar da Silva lembra que manter os ambientes bem higienizados é um dos procedimentos mais importantes para evitar a propagação do vírus. “Eu me sinto útil”, diz.

O auxiliar de serviços gerais da UPA trabalha sempre com

um sorriso aberto e franco. Ele disse que em 42 anos nunca havia passado por uma situação tão difícil.

“Espero que a pandemia sirva para que o pessoal tenha mais humildade, para valorizar o que normalmente não valorizam”, diz.





KEYLANE CAETANO

Keylane Caetano é gestora administrativa da UPA Yolanda Queiroz e viu a demanda de trabalho multiplicar-se em 2020.

O desafio de gestão foi enorme no pico da Covid-19, pois

os profissionais da UPA atendiam em média 250 pacientes por dia, de repente passaram a atender de 400 a 500 casos diários. “Protejam-se. Protejam primeiro a si e depois o seu próximo”.





NATÁLIA LILIAN ALVES

A farmacêutica Natália Lilian Alves é a responsável pela distribuição e controle dos remédios na UPA.

“A sensação de poder ter feito tudo que estava e o que não estava ao nosso alcance, para mim, é a sensação de dever cumprido”, diz a farmacêutica.



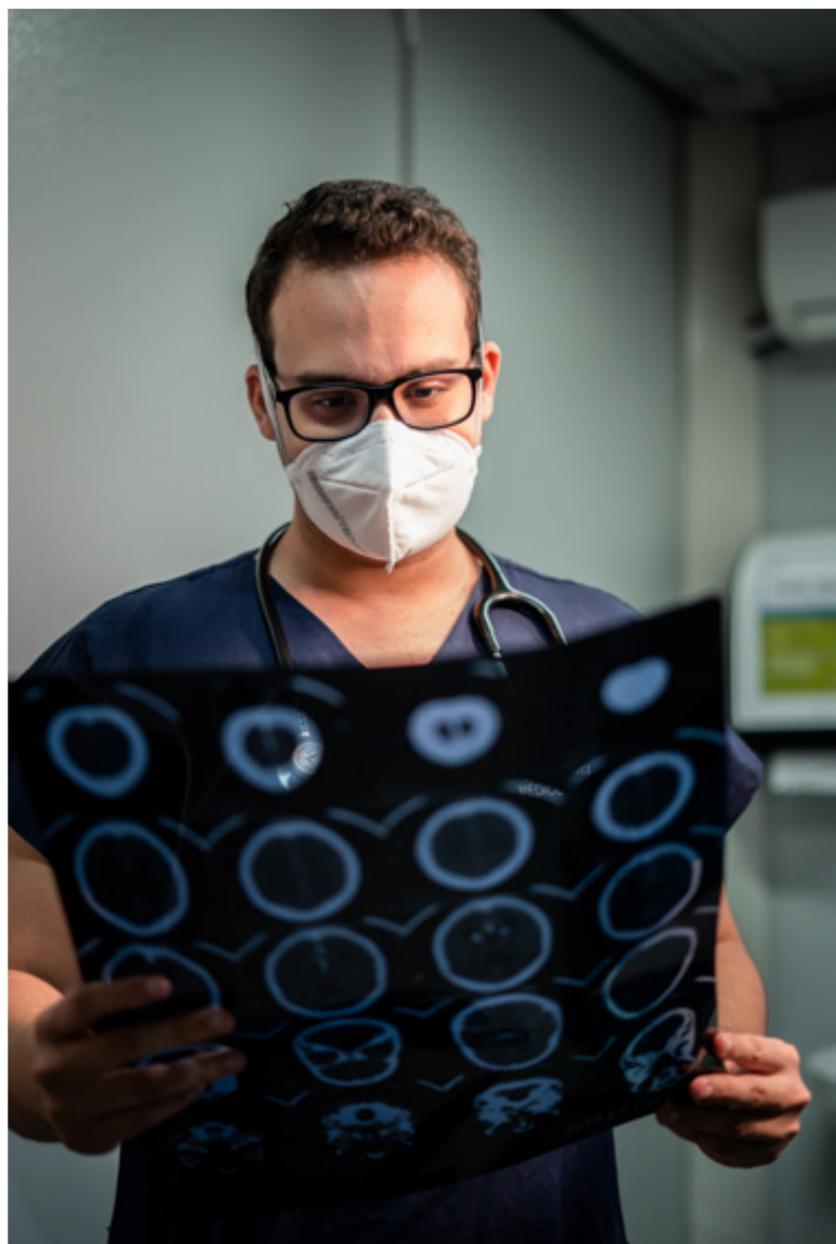
SÉRGIO SIMÕES

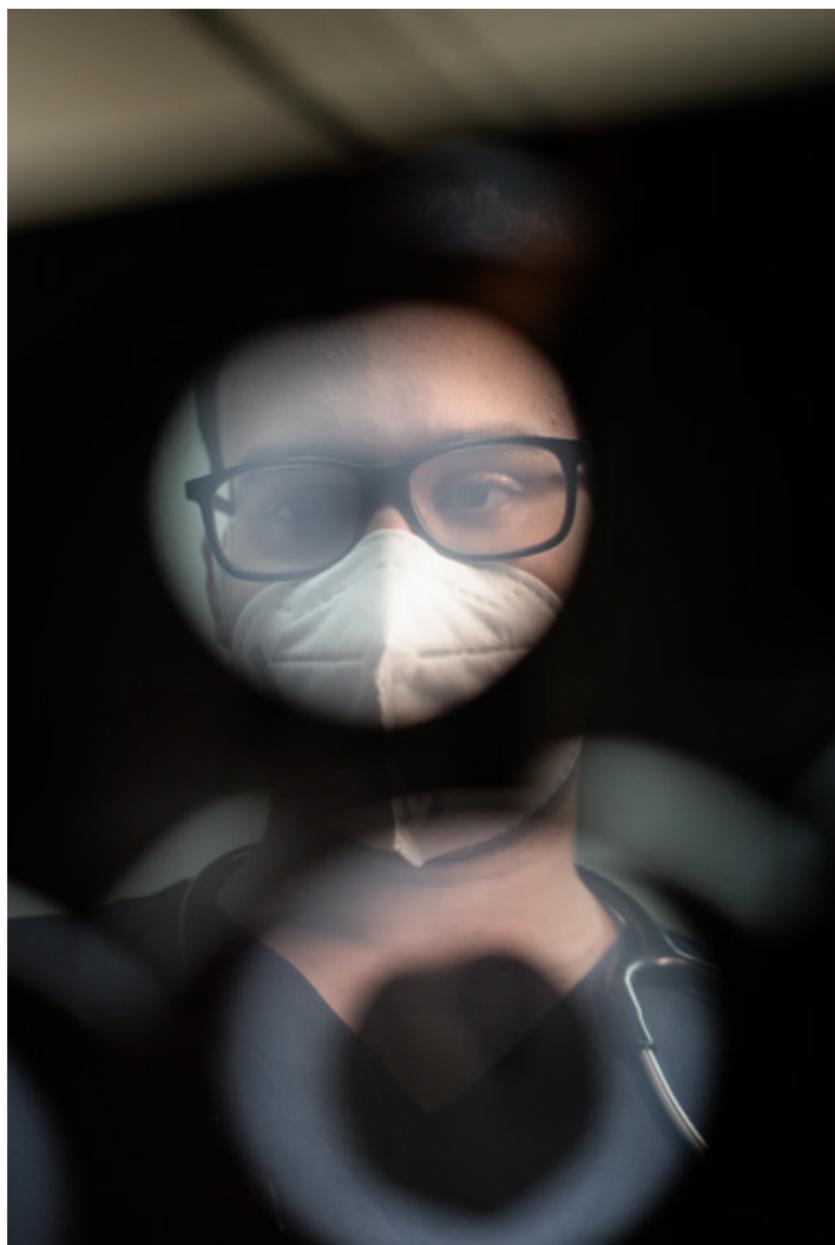
Com 24 anos de idade, Sérgio Simões é médico há um ano. Quatro desses 12 meses foram atuando na linha de frente do combate ao coronavírus na UPA. Sérgio viu seus dias transitarem entre o caos e a esperança, e diante da emergência, assumiu a chefia do plantão médico.

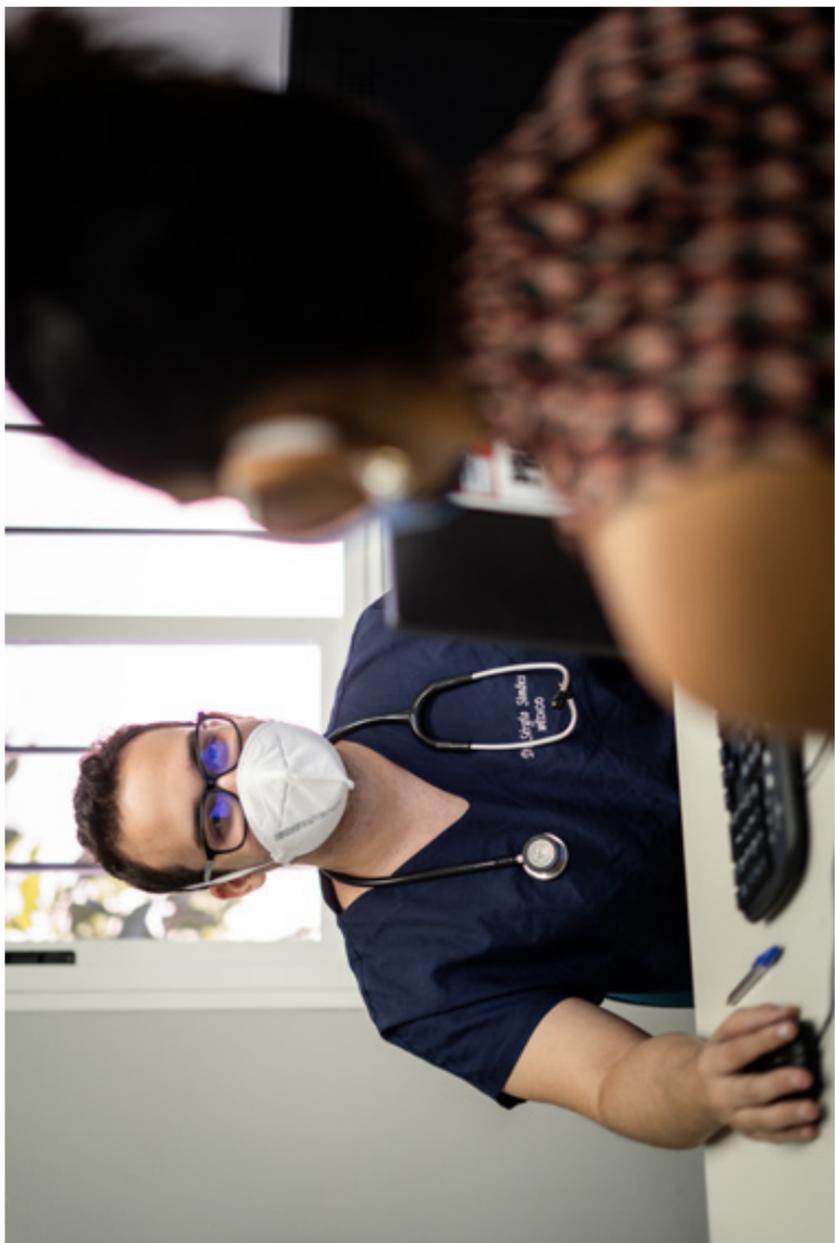
“Foi desafiador. Cresci como profissional. Busquei estudar

mais, me capacitar e fazer cursos. Quero dar o melhor para os pacientes. Quando salvo uma pessoa, faço meu dia.”

O médico é formado há um ano pela Universidade Federal do Cariri e iniciou sua trajetória diante de um desafio e tanto, salvar vidas em meio à pandemia.







FERNANDO COSTA

Há 14 anos, de segunda à sexta, a partir das 7h da manhã, vem do porteiro Fernando Costa, 51, o primeiro “bom dia” de quem vai ao Posto de Saúde Dom Aloísio Lorscheider, em Fortaleza.

“Não me senti bem por ver as pessoas chegando da

maneira que estavam durante a pandemia. Pra gente que é porta de entrada não é fácil. Cheguei a ser afastado, abalou bastante o lado psicológico. Mas temos que ter esperança. O mundo está precisando de mais amor.”





Na portaria, a missão é tratar bem e ajudar no controle e nas resoluções. “Para mim, é gratificante a gente poder tentar ajudar, da melhor maneira possível.”

Tanto Fernando quanto o filho foram acometidos da doença e precisaram fazer isolamento do restante da família. Hoje, para Fernando, a gratidão é por estarem os dois recuperados.



CARLA RODRIGUES

Diretora do Posto de Saúde Dom Aloísio Lorscheider desde 2013, Carla Rodrigues atua na saúde há 25 anos. Neste trabalho incansável o mais difícil foi administrar os

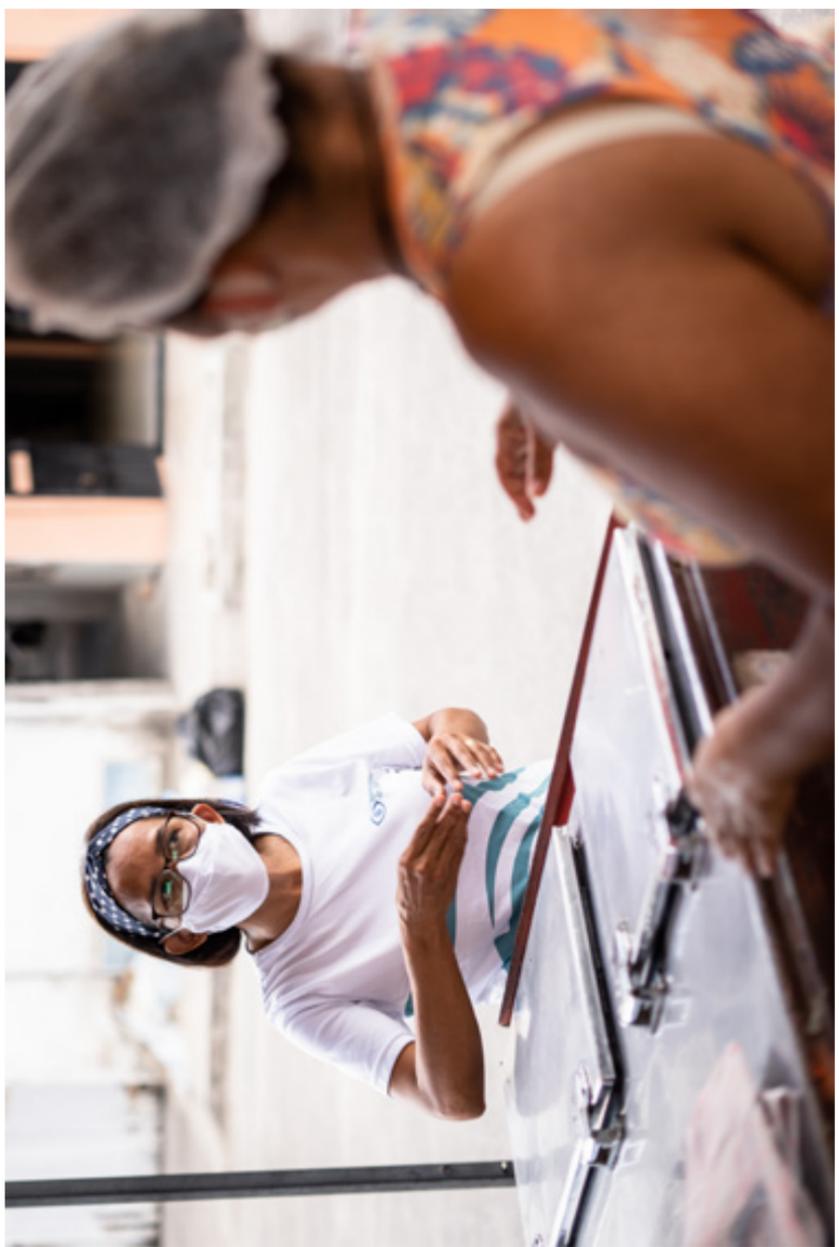
medos: os dela, os dos profissionais e o dos pacientes. “Nós, profissionais de saúde, ficamos firmes e continuaremos firmes para dar a melhor assistência”.



ERBENE SOARES

Erbene Soares é agente de saúde comunitária e visita as residências da região atendida pelo Posto de Saúde Dom Alo-

ísio Lorscheider. "Meu trabalho é diferente porque eu moro na minha comunidade, o meu trabalho é na minha rua."



MARCOS MESSIAS

Marcos Messias, enfermeiro do posto de saúde Dom Aloísio, é pai de dois filhos. Sua esposa é técnica de laboratório. Eles tiveram o desafio de se preservar

e cuidar da família. Durante a pandemia, Marcos encontrou no olhar a forma mais genuína de sorrir, além de sua fala simpática e do gesto acolhedor.





“Nós tínhamos de acolher esse usuário mas sem ter o contato, pegar na mão, toda aquela questão do isolamento. Então, foi algo que mudou um pouco as relações, mas que a gente tentava acolher nem que fosse pelo olhar. Sorria pelo olhar”, relembra Marcos dos momentos de pico da doença.

“O que me marcou fortemente foi um paciente da minha área, que chegou grave, saturando muito baixo, conseguimos levar daqui pra uma UPA, mas, infelizmente, ele não resistiu. E, assim, por que isso me marcou? Nós fomos as últimas pessoas com quem ele teve contato. Eu até me emociono um pouco porque eu fui a última pessoa”, conclui.





SÃO PAULO

FOTOS DE **TIAGO QUEIROZ**

Hospital Municipal de Campanha do Anhembi
Hospital da Cruz Vermelha Brasileira (CVB)
Instituto de Infectologia Emílio Ribas

PAULA EDUARDA RODRIGUES SILVA

Paula Eduarda Rodrigues Silva, de 24 anos, nem imaginava que sua primeira experiência na área da saúde seria na linha de frente do enfrentamento da pandemia.

A recepcionista começou seu trabalho no Hospital Municipal de Campanha do Anhembi, desde antes do início de seu funcionamento. “Entrei aqui no dia primeiro de abril para treinamento e integração”, relembra.

“Embora já tenha trabalhado em recepção de vários locais,

nunca tinha vivenciado algo do tipo”, conta. Em meio a uma rotina dinâmica, procurou ser muito atenciosa com os familiares dos pacientes. “A gente acaba dando suporte, mesmo não sendo da área da psicologia”.

Paula acredita que a doença deveria nos deixar mais conectados com o que realmente importa. “Devemos cuidar da família, cuidar do próximo, ter atenção em casa e na rua”, finaliza.



Recepção do Hospital Municipal de Campanha do Anhembi, onde são cadastrados tanto os pacientes que entram na unidade, quanto os que têm alta.

O Hospital de Campanha do Anhembi, gerido pela Associa-

ção Paulista para o Desenvolvimento da Medicina (SPDM), funcionou entre 11 de abril e 8 de setembro de 2020 na capital paulistana. Com capacidade para 1,8 mil leitos, as equipes de saúde realizaram mais de 6 mil atendimentos .



CARLOS MOREIRA

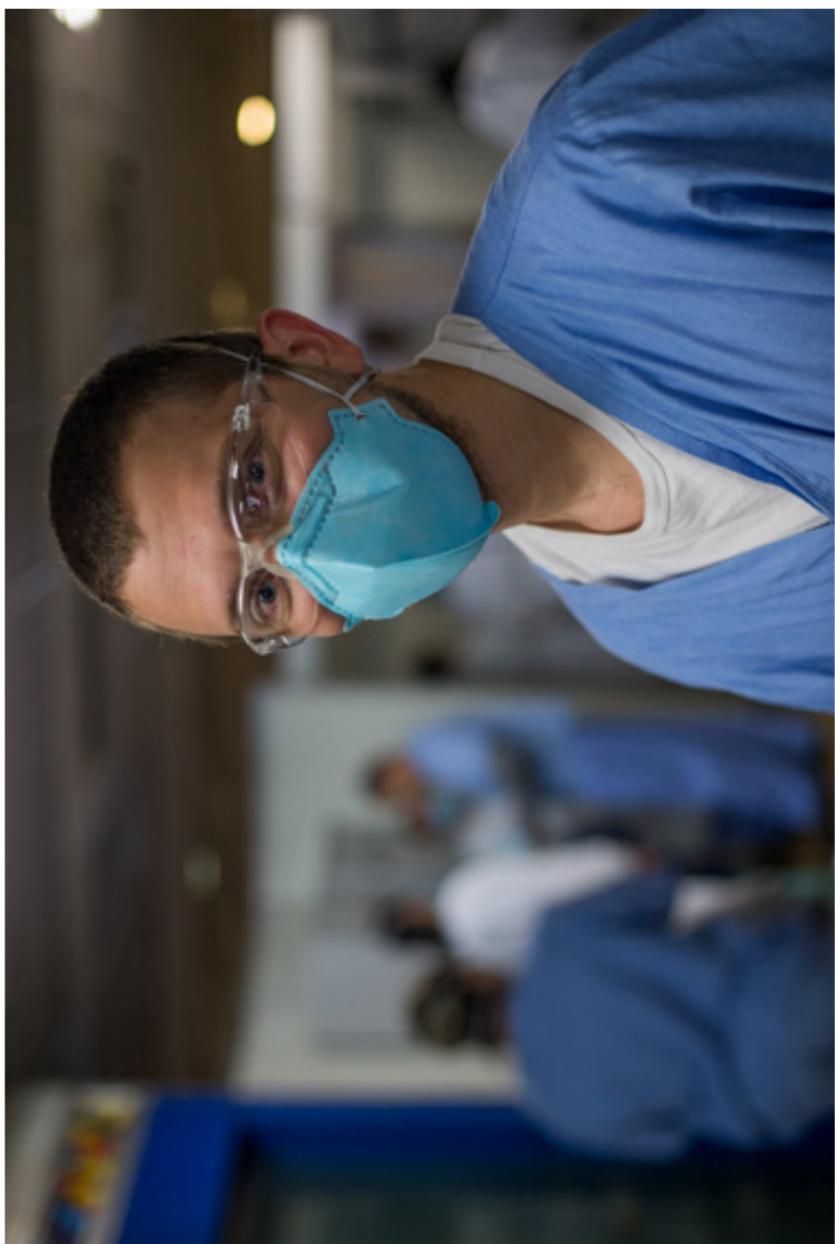
O médico Carlos Moreira esteve na linha de frente em dois hospitais. No Hcamp trabalhou na área de regulação, ou seja, a entrada dos pacientes e verificação do grau de complexidade. É ele quem determinava para qual ala o hospitalizado iria. São seis alas: rosa, laranja, verde, azul, amarela e vermelha, a última reservada para os pacientes mais instáveis.

Carlos também atendeu no setor de estabilização, a chamada área vermelha, que é para onde eram levados os pacientes quando o caso se torna mais complexo e necessitam de

cuidados extras e muitas vezes de transferência.

Embora se sinta respeitado pelo trabalho desenvolvido, sente também um pouco de preconceito. “Algumas pessoas sabem que minha esposa e eu somos médicos e se afastam”, lamenta.

Um dos momentos mais tristes foi quando teve que relatar a primeira morte de um paciente por Covid-19 para familiares. “Foi bem marcante. Chorei junto com a família”, lamenta. “Hoje vivo mais com meus filhos, valorizo cada minuto que tenho livre com eles.”



GLAUCIANE ROCHA DE SOUZA COSTA

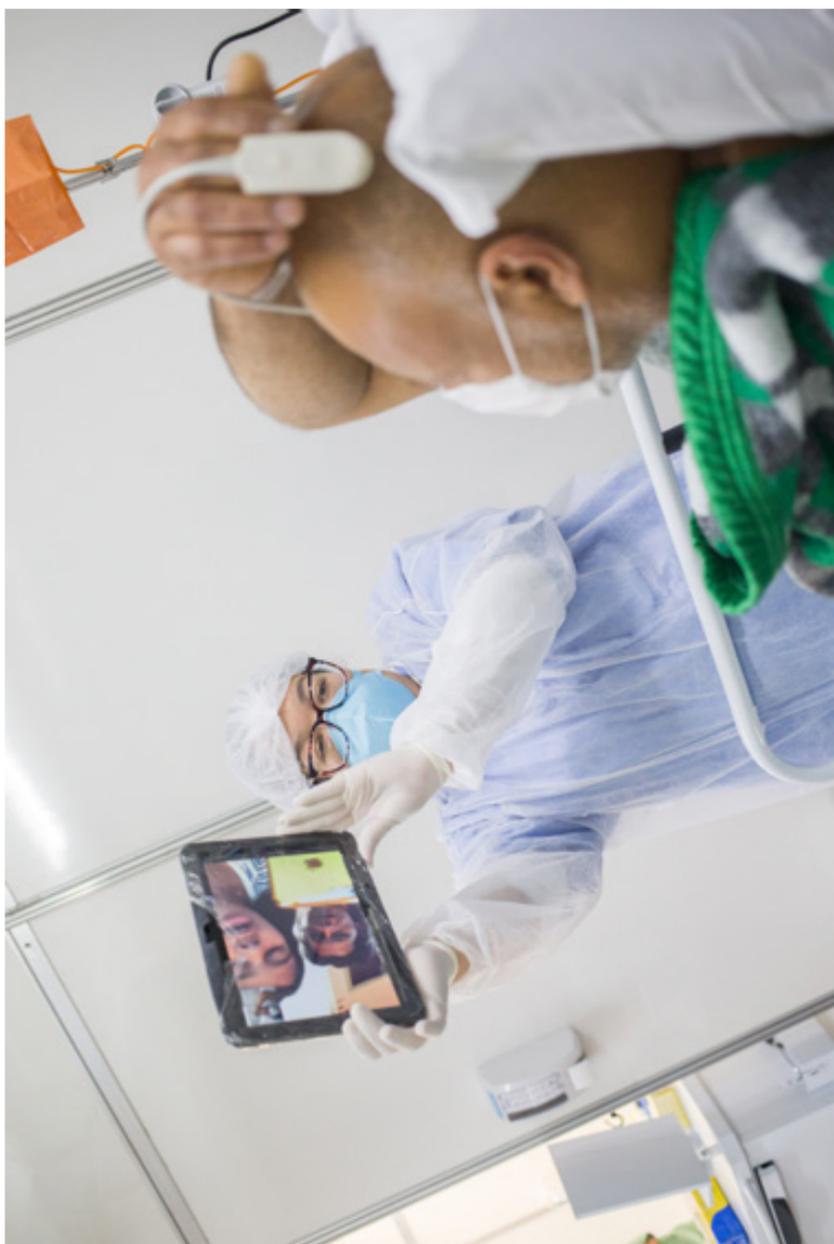
Glauciane Rocha de Souza Costa é psicóloga formada há somente um ano e nem poderia imaginar que um de seus primeiros trabalhos na profissão seria para apoiar pacientes imersos em uma pandemia tão cruel.

A profissional, além de dar suporte aos isolados pela Covid-19 e a familiares que chegam aflitos por notícias, também os conecta graças a tecnologia digital. "Pelos vídeos-chamadas já vivenciei muitas alegrias e tristezas; notícias de perdas, mas também reuniões de famílias que talvez em casa nunca tiveram antes disso tudo."

Na foto, ela intermedia a conversa do paciente Gilvan Gomes Brito com a família.

"Procuro fazer tudo com muito carinho. Recebi um áudio de um familiar de paciente que morreu em 31 de maio, a voz dizia não saber meu nome, mas agradecia e dizia que eu estava marcada no grupo de WhatsApp da família como 'anja', pois cuidei com muito carinho do familiar deles", relembra emocionada.

É este tipo de força que a faz seguir em frente, mesmo com sua rotina afetada pelo novo trabalho. "Adaptei um quarto na minha casa, para tentar ficar isolada fisicamente do meu filho de dois anos e da minha família. Dormia grudada com meu filho e agora tenho que mandar beijos por uma janela e explicar sobre o meu trabalho."





IONE PAIOTTI

A diretora de enfermagem do Hospital Municipal de Campanha do Anhembi estava aposentada depois de 35 anos de trabalho, quando recebeu o convite para integrar a linha de frente da resposta à pandemia. Ione Paiotti toda sua rotina para aceitar este desafio. Moradora de São José dos Campos, interior do estado, mudou-se para um hotel próximo ao hospital para preservar a família.

O início de tudo foi bem difícil e trabalhoso. "Nós ganhamos uma estrutura e tivemos que transformá-la em hospital." Ione reforça o mérito de toda

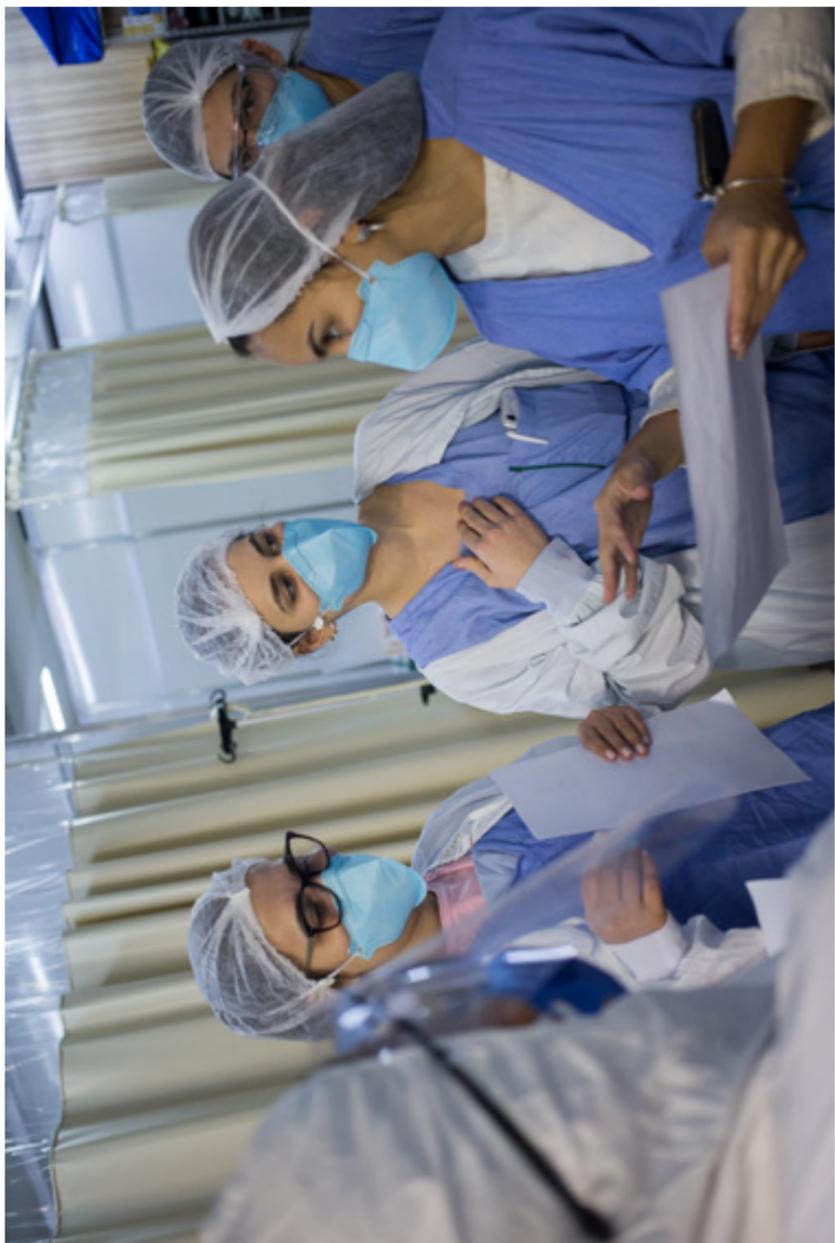
equipe para que pudessem receber os pacientes da forma mais segura possível e com qualidade na assistência.

A equipe recebeu assistência psiquiátrica diária e palestras sobre coragem, saúde mental e qualidade de vida. "Sempre existimos e enfrentamos desafios diariamente, mas agora isso está visível para a sociedade", afirma sobre a profissão.

"O essencial para mim é devolver o paciente íntegro para a sociedade, esta é minha proposta de trabalho e é para isso que eu vim", finaliza.



Corpo médico do chamado setor vermelho do Hospital de Campanha do Anhembi, onde se concentram os pacientes de alta complexidade, discute procedimentos.



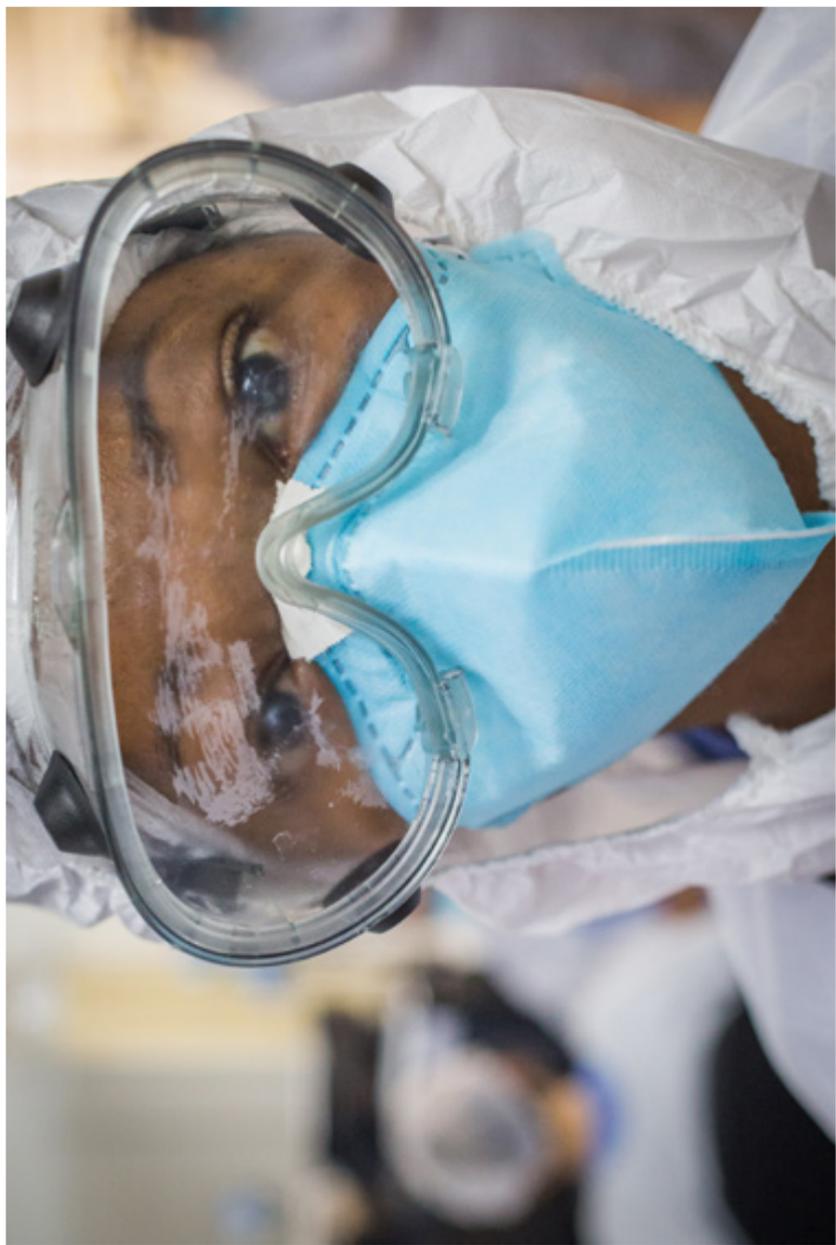
UILSA GONÇALVES

Uilsa Gonçalves de Oliveira é fisioterapeuta com mais de 10 anos de experiência. Trabalhou na ala vermelha, setor do hospital que trata os pacientes com maior grau de complexidade.

“Os pacientes com Covid-19 requerem mais da nossa experiência, mais dos nossos cuidados, para que eles possam se estabilizar e serem transferidos, ou terem alta daqui recuperados”, explica.

O papel da fisioterapeuta é chave. “Tratamos esses pacientes para estabilizar tanto a respiração, saturação, posicioná-los e ofertar a melhor forma de oxigenação”.

Está muito orgulhosa e feliz por ajudar. “Todos da área da saúde têm sido mais valorizados, desde a fisioterapia à limpeza. A população passou a entender que há necessidade de uma equipe multidisciplinar para tratar dos enfermos.”



O Hospital de Campanha focou em casos de baixa e média complexidade. No entanto, foi necessário instalar uma ala para os casos mais graves, como na foto, onde Uilsa trabalhou.



Uilsa e equipe preparam paciente que será transferido.



Equipe de paramédicos realiza a transferência de um paciente de alta complexidade do setor vermelho para outra unidade hospitalar.



Enquanto um paciente aguarda os procedimentos para sua entrada no Hospital Municipal de Campanha do Anhembi (à esquerda), outro paciente mais grave é transferido para outro hospital.





JOÃO LADISLAU ROSA

Não é a primeira pandemia enfrentada pelo clínico geral e pneumologista, doutor João Ladislau Rosa. Ainda estudante, teve que encarar o surto de meningite, na década de 70, e a epidemia da Aids na década de 80.

O médico foi gestor e diretor técnico do Hcamp. Por estar no grupo de risco devido à idade, desempenhou grande parte de suas funções via home office. “Meu trabalho é mais na administração do que na atenção aos pacientes. Venho aqui umas três vezes por semana.”

A pandemia trouxe mais modernidade à gestão de hospitais e este é um caminho sem volta. “Era tão complicado reunir todo mundo, agora contratações e reuniões, por exemplo, são todas realizadas a distância e isso dinamiza muito o processo.”

“Sou muito grato aos profissionais que tiveram coragem e solidariedade em trabalhar aqui conosco. Nós vamos vencer a pandemia, mas todos precisam ajudar. Fiquem em casa, lavem as mãos e usem máscara”, finaliza.





SIMONE SENA COSTA

Apesar de todo o temor trazido pela pandemia do novo coronavírus, a cardiologista especialista em terapia intensiva procura ver um lado positivo na atual situação e ressalta que o número de altas é bem considerável. “Temos conseguido salvar muitos pacientes.”

Acredita que de um modo geral a sociedade está reconhecendo o esforço de todo profissional

que atua de forma direta e indireta na área da saúde. “Já fui abordada na rua por pessoas que nem conhecia me agradecendo pela atuação no hospital de campanha.”

O ano de 2020 será um ano de muito aprendizado. “Vamos aprender muita coisa com tudo isso. Espero que todos nós tenhamos sabedoria para seguir adiante e ajudar mais o próximo.”





Momento emocionante no HCamp do Anhembi: alta de Edvaldo Nascimento.
A enfermeira Janaina Cristina Alves Borges acompanhou o paciente

Até junho de 2020, 1.000 pacientes haviam recebido alta.







gamos à
na ALTA

**Chegamos à
milésima ALTA**

Vivian Garrido, técnica de enfermagem da Unidade de Pronto Atendimento (UPA) de Pirituba, entrega ficha de um paciente transferido para o HCamp do Anhembi.



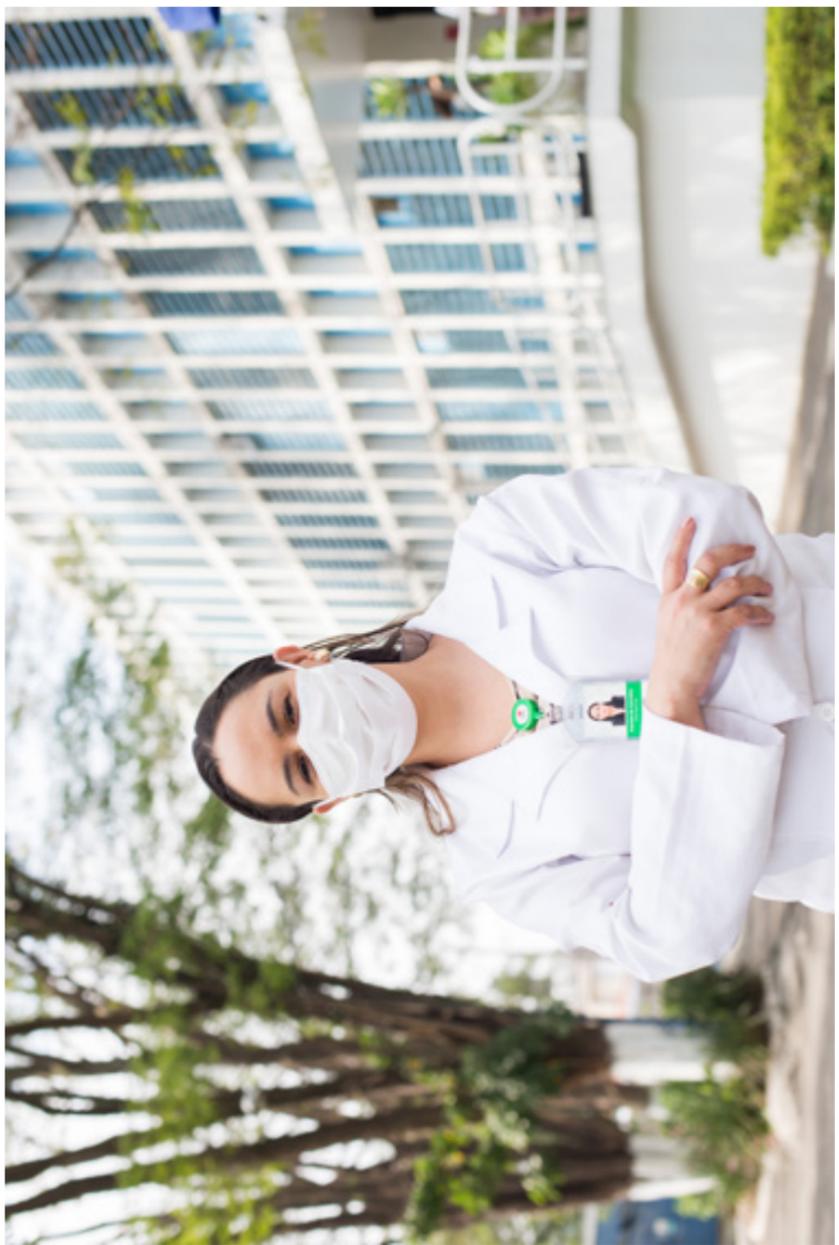
PATRÍCIA CRISTINA DE CARVALHO

A enfermeira Patrícia Cristina de Carvalho trabalha no centro cirúrgico do Hospital da Cruz Vermelha Brasileira (CVB)- Filial São Paulo, que foi transformado em Unidade de Terapia Intensiva (UTI) para atendimento exclusivo de pacientes contaminados pela Covid-19 em maio.

“Começamos tudo do zero. É gratificante ver o que conseguimos construir”, relata com orgulho.

Patrícia logo no primeiro mês de atendimento foi contaminada e teve que ficar afastada. “Minha família está em Minas. Quando recebi alta e pude voltar ao trabalho foi bem marcante, é como voltar para minha casa, os meus colegas e pacientes são minha família.”

“Amo o que faço e não me imagino exercendo outra função.”



A enfermeira **Poliana Ferreira Pires Pedro** trabalha com sua equipe de profissionais da saúde no Hospital da Cruz Vermelha Brasileira- Filial São Paulo.



CRISTIANE ALVES DA ROCHA

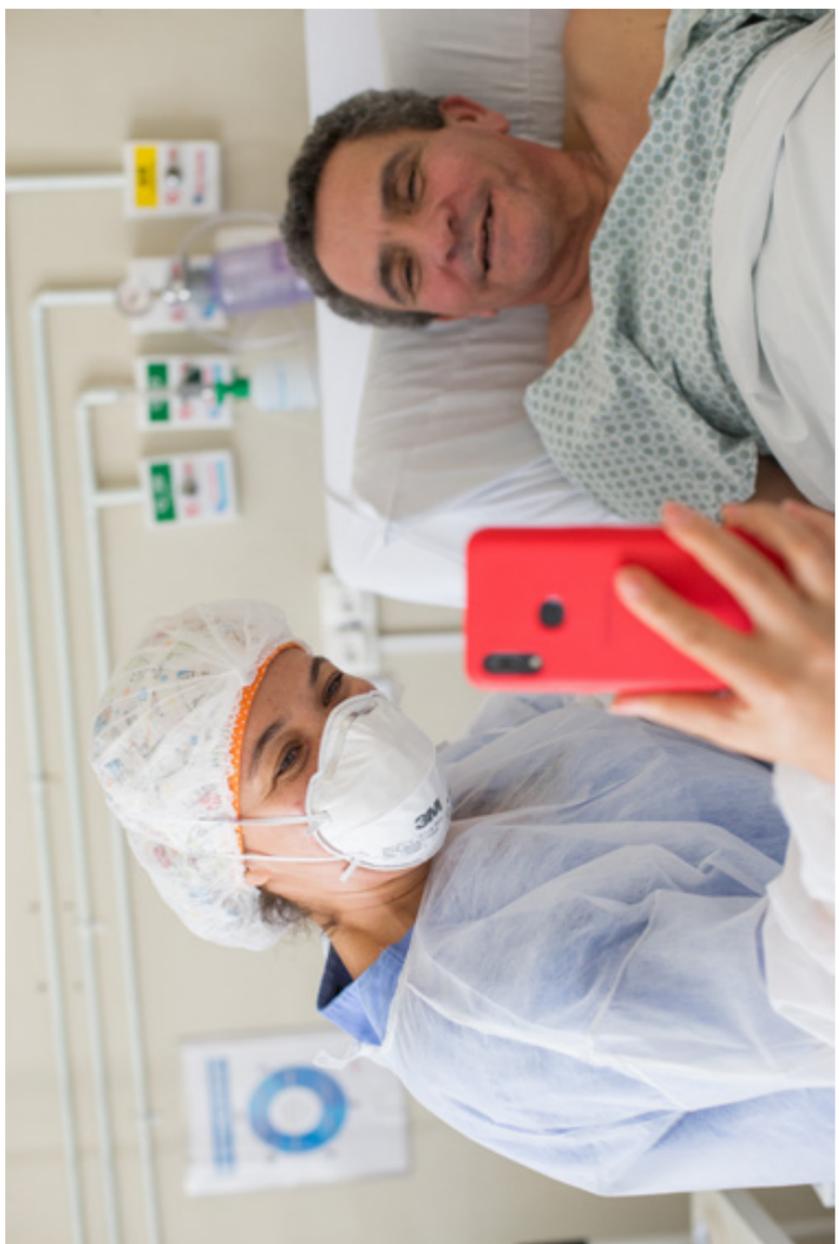
A assistente social Cristiane Alves da Rocha trabalha no hospital da CVB desde a criação da UTI. Em seus 10 anos de experiência, é a primeira vez que atende a área da saúde.

Os pacientes a esperam ansiosos, já que se trata de uma das horas mais felizes do dia: a hora da conversa com a família. "Os pacientes estão muito sozinhos, eu brinco e busco trazer alegria e autoestima para todos, isso faz parte do processo de recuperação", explica.

A rotina agitada da profissional não se resume somente a isso. "Trabalho com a psicóloga e com outra assistente social. Além das chamadas de vídeo, entramos em contato com familiares, ajudamos nas transferências e busca de vagas, entre outras funções."

O bom humor não revela que por conta da pandemia e do trabalho assumido no hospital teve que abrir mão de muita coisa, entre elas sua filha de somente oito anos, que ficou com os avós no Mato Grosso do Sul.







ROSANGELA BOVA

Gestora da equipe de enfermagem e enfermeira com 26 anos de experiência, Rosângela Bova aposta no trabalho em equipe e no otimismo para vencer algumas barreiras diárias. "Nunca imaginei que

passaria por algo semelhante a isso", relata.

"Vejo as pessoas melhorando, vejo a alta dos pacientes, o trabalho em equipe, isso me enche de alegria e me dá fé."



Busto em homenagem ao médico sanitarista Emílio Ribas, célebre por combater a epidemia da febre amarela, recebeu uma máscara para lembrar a todos da importância do novo apetrecho.

O Instituto de Infectologia Emílio Ribas é um hospital público, inaugurado em 1880, para atender a epidemia da varíola. Desde sua fundação até hoje, seus profissionais atuaram em diversas outras epidemias

infectocontagiosas, como H1N1, HIV e Ebola. A Covid-19 é certamente uma das mais alarmantes.

Em 2020, a sua estrutura se tornou exclusiva para o atendimento de infectados pelo novo vírus. Os pacientes de outras doenças foram transferidos para outros hospitais da cidade. Vinte novos leitos se somaram aos 30 existentes. Novos protocolos de segurança e higiene foram elaborados.



LUCIANA SANSÃO

“Tranquilidade para atender aos pacientes”, segundo Luciana Sansão, infectologista e supervisora do Pronto Socorro do Instituto Emílio Ribas há 5 anos, é o essencial na rotina do combate à Covid-19. Isto é o que garante que os protocolos sejam seguidos e os pacientes sejam tratados da melhor forma.

O trabalho no início da pandemia foi conturbado, mas o Instituto conseguiu criar padrões e fluxos de atendimento. Sempre com o apoio e disciplina de toda a equipe. “Levou um mês para conseguirmos organizar

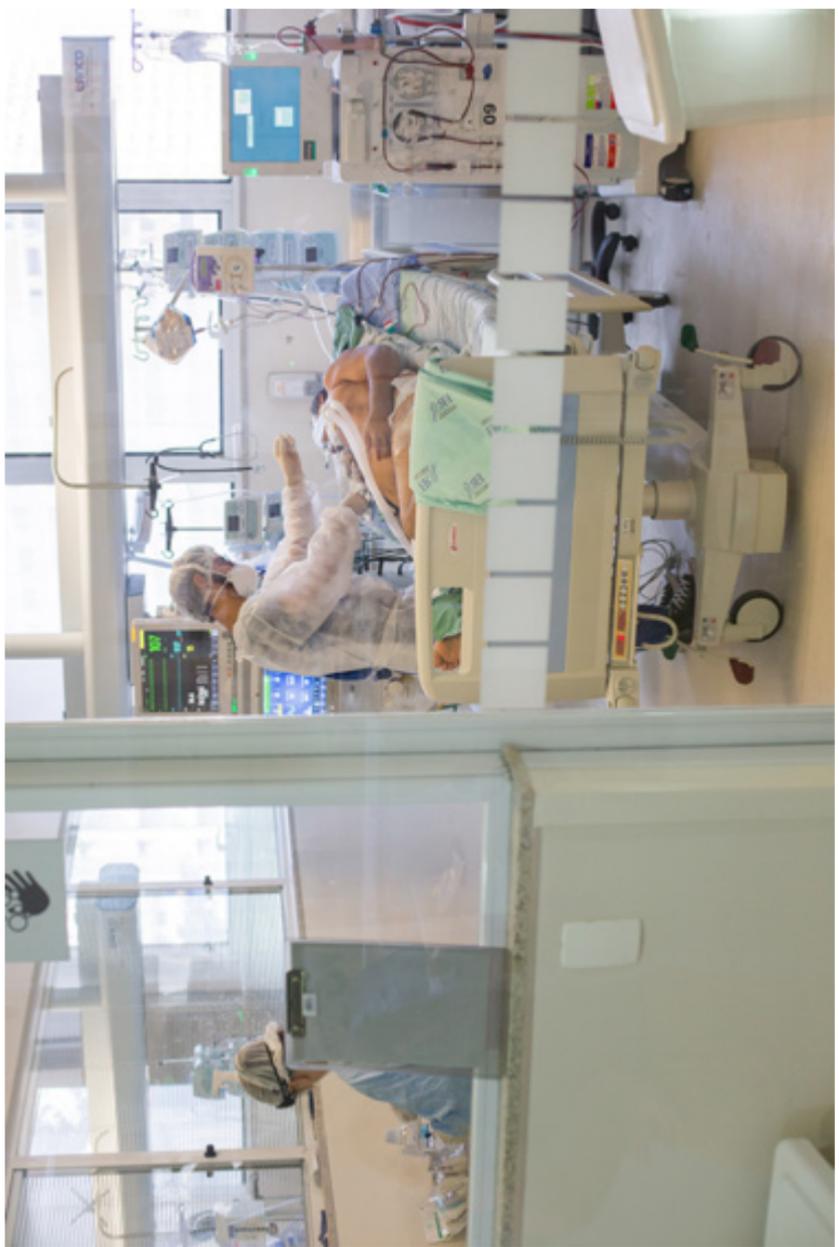
tudo. O processo foi melhorando dia a dia”, diz.

A rotina árdua não é de hoje - Luciana costuma trabalhar em média 30 horas semanais só no Emílio Ribas. Mas ela também atua em outros hospitais.

A principal mudança segundo ela, é a dificuldade de relaxar, mesmo nos momentos de descanso. “Angústia. A rotina se tornou muito mais angustiante. Todos os dias surgem novidades, e isso tudo que aparece precisa ser analisado e adaptado à rotina, da forma rápida.”



O residente de medicina **Eden Artur** realiza procedimentos em paciente intubado na UTI.



A enfermeira **Elenizia Viana de Jesus** cuida de um dos pacientes intubados que lutam pela vida nos leitos da Unidade de Terapia Intensiva (UTI).



IRINEIA APARECIDA PACHECO

Irineia Aparecida Pacheco, com uma carga horária de 12 por 36 horas, tem 18 anos de experiência em higienização hospitalar. “Estou no Emílio Ribas há 5 meses, mas trabalhei em outros hospitais antes daqui”, explica. “Minha função é importante e faço as coisas com amor.”

O início da pandemia do novo coronavírus trouxe o aumento da responsabilidade em todos os serviços relacionados à área da saúde. O número de equipamentos necessários para a proteção individual aumentou e os procedimentos ficaram mais complexos. “Em cada quarto a

ser higienizado temos que nos paramentar com óculos, luvas, viseira e o avental. Antes eu só entrava com máscara e luvas. Isso é o essencial, não podemos esquecer nada”, diz.

É preciso ter controle emocional. Irineia explica que tenta não se abalar com a rotina do hospital, o que nem sempre é possível. “Teve casos que me abalaram muito. Nós que estamos aqui, acabamos vendo de tudo”, conta.

“Vejo meu trabalho sendo respeitado aqui. Quando estou limpando as pessoas me respeitam.”



A nutricionista **Helena Costa de Souza** prepara refeições balanceadas especialmente para pacientes fragilizados pela Covid-19.



A enfermeira **Natália Rodriguez Lopez** relembra os pacientes perdidos para a Covid-19. Desde o início, ela se manteve na linha de frente do atendimento aos contaminados.





EDSON MARTINS CARDOSO E ALEXANDRE BATISTA DA SILVA

Os técnicos em enfermagem Edson Martins Cardoso e Alexandre Batista da Silva na face mais triste e sombria da pandemia: quando o paciente não resiste e morre.

Os técnicos envolvem o corpo com algumas ataduras e logo depois utilizam dois sacos plásticos para cobri-lo. Em seguida, transportam a vítima em uma maca, pegam o elevador rumo ao subsolo do edifício e atravessam corredores de luzes frias.

A paciente estava em coma induzido e respirando com a ajuda de aparelhos. Dias antes ela havia recebido uma carta de uma de suas filhas, que pediu à equipe médica que entregasse para a mãe, assim que essa acordasse. Não foi possível.

São histórias como essa que os profissionais da UTI do Emílio Ribas e outros hospitais presenciam neste trágico ano de 2020.



JAIR FERNANDES

'Um facilitador:' é assim que Jair Fernandes Farias define sua função no Instituto de Infectologia Emílio Ribas. O profissional, que atua no setor administrativo e no Comitê de Humanização, descreve ambas as funções com orgulho, mas é na segunda que desenvolve a atividade que mais lhe enche os olhos.

A comissão é formada por colaboradores de diversas áreas e busca estabelecer o convívio amável entre equipe de saúde, pacientes e sociedade. "Nosso intuito é deixar o processo o mais humano possível, pois sabemos que um paciente com um atendimento e com base no acolhimento terá uma recuperação mais rápida", explica.





Projeto “**Flores para Heróis**”, de Lily Vidigal e Margot Pavan, inspirou-se no “*Flowers for Heroes*”. A ideia de homenagear aos profissionais de saúde nasceu na Flórida, nos

Estados Unidos, e espalhou-se pelos hospitais de Nova York. Foi trazido ao Brasil pelas amigas, como forma de levar carinho às equipes de saúde, tão essenciais.



ANTONILMA ARGOLO

Antonilma Argolo, auxiliar de enfermagem, ganhou muitas flores e muitas fotos.

A flor símbolo da ação é a flor gloriosa como a da Antonilma.

Segundo as idealizadoras da homenagem, representa o "quanto é glorioso o trabalho dos profissionais de saúde" em tempos de pandemia.



A enfermeira **Livia Aparecida de Cara** esqueceu o cansaço após seu plantão e abriu um sorriso ao receber um arranjo de flores.



Sandra Santos Ramos, auxiliar de enfermagem do Emílio Ribas, foi uma das centenas de homenageadas da campanha “Flores para Heróis”.



UILMA DE OLIVEIRA FERREIRA

Dos 60 anos vividos pela auxiliar de enfermagem Uilma de Oliveira Ferreira, 28 deles são de serviços prestados ao Instituto de Infectologia Emílio Ribas.

A pandemia do coronavírus tem sido um dos trabalhos mais desafiadores já realizados nesse período, pois além do cuidado com o paciente, ela precisa ter toda a cautela para

não se contaminar. “A diferença desta doença para as outras é que ela afasta as pessoas. Os pacientes ficam mais sensíveis por falta de visita”, diz.

O cuidado da não contaminação também se estende em sua casa. “Moro com a minha mãe de 86 anos e desde o começo da pandemia eu não posso abraça-la, isso é doloroso para ela e para mim”, lamenta.



GABRIELLE GOMES

Para a nutricionista Gabrielle Gomes, o mais importante é ter um psicológico preparado, pois todos da área da saúde têm vivenciado muita tristeza.

“Eu não tenho contato direto com o paciente, pois trabalho na UTI e não os vejo diretamente. Tento me comunicar pelo vidro, já os entubados a comunicação é com a enfermagem e com a família.”

O que mais sente falta de sua vida de antes da pandemia é

poder visitar os pais. “Moro somente com o meu marido, tive de parar de visitar todo mundo”.

Para o fim deste período tem a esperança de que as pessoas passem a valorizar mais a área da saúde e a educação em geral. “Espero que as pessoas em geral entendam a importância da educação, para formar bons profissionais e que a Saúde é o principal. No Brasil há pouco investimento”, ressalta.



AZELENE FERREIRA SOUZA

Azeleno Ferreira Souza, enfermeira com quase 30 anos de trabalho no Emílio Ribas, já viu muita coisa pelos corredores do hospital.

Já sofreu preconceito por estar na linha de frente. "Cheguei aqui no auge da Aids. A Covid-19 me faz lembrar algumas situações em que a gente sofria muito preconceito. Nem dizia para as pessoas que eu trabalhava aqui, pois corriam com medo de contaminação. Hoje tem acontecido o mesmo", explica.

Embora se sinta orgulhosa por estar exercendo um trabalho tão necessário, explica que no começo teve muita apreensão,

pois não tinha um tratamento que garantisse a cura. "Era um medo do desconhecido e não do paciente. Medo de pegar o vírus. Medo de transmiti-lo. Medo de não sobreviver. Medo de perder um amigo. Vários tipos de medo."

A enfermeira já aprendeu a lidar com essa mudança na rotina e hoje consegue transmitir segurança aos pacientes e seus familiares. Sua maior felicidade nesses dias é ver seus companheiros de trabalho saudáveis. "A cada plantão é uma alegria encontrar colegas, porque eu perdi alguns e a tristeza é imensa."



MIKAELA DE OLIVEIRA SOUZA

A técnica de enfermagem Mikaela de Oliveira começou este ano a trabalhar na UTI do Emílio Ribas. "Já trabalhava na área de cuidados paliativos, mas na UTI é a primeira vez."

Mikaela elogiou a ação "Flores Para Heróis". "É primordial que sejamos valorizados neste momento."



O QUE É ESSENCIAL PARA VOCÊ?

O mundo mudou com a pandemia e todos nós passamos a lembrar, ver com novo olhar e reconhecer pessoas, momentos e relações do nosso cotidiano que antes passavam despercebidas.

Vimos que mesmo distantes, ainda podemos fazer o melhor para o próximo. Aprendemos que os desafios e as dificuldades também nos fortalecem e que podemos criar novas pontes, apesar das barreiras físicas.

Aqui no Brasil, como em mais de cem países, nós, do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), estamos de mãos dadas com mulheres e homens incríveis que trilham caminhos de muito estudo, trabalho e superação e que hoje estão na linha de frente do combate à Covid-19.

Hoje todos aprendemos a reconhecer quem e o que é essencial: nossa saúde, os serviços essenciais, os profissionais que

estão dia e noite trabalhando para ajudar quem precisa vencer essa batalha.

O essencial sempre fez parte da nossa história e faz parte do nosso dia a dia. Queremos que ele faça parte da sua vida também! Valorize a si mesmo, valorize o próximo, valorize o essencial.

Participe e compartilhe esta ideia:



valorizeoessencial.com.br



<https://www.flickr.com/photos/189045444@N06>



O CICV ajuda as pessoas afetadas por conflitos armados e outras situações de violência no mundo inteiro, fazendo todo o possível para proteger a vida e a dignidade delas e para aliviar o seu sofrimento, com frequência em conjunto com os parceiros da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho. A organização busca também evitar as privações o sofrimento com a promoção e o fortalecimento do Direito Internacional Humanitário (DIH) e a defesa dos princípios humanitários universais.

 facebook.com/cicv
 twitter.com/cicv_br
 [@cicv_oficial](https://instagram.com/cicv_oficial)

**Delegação Regional para Argentina,
Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai**
SHIS QI 15 Conj. 05 Casa 23, Lago Sul
CEP 71.635-250 – Brasília-DF - Brasil
T +55 61 3106 2350
bra_brasilia@icrc.org
www.cicv.org.br
© CICV, Dezembro de 2020

